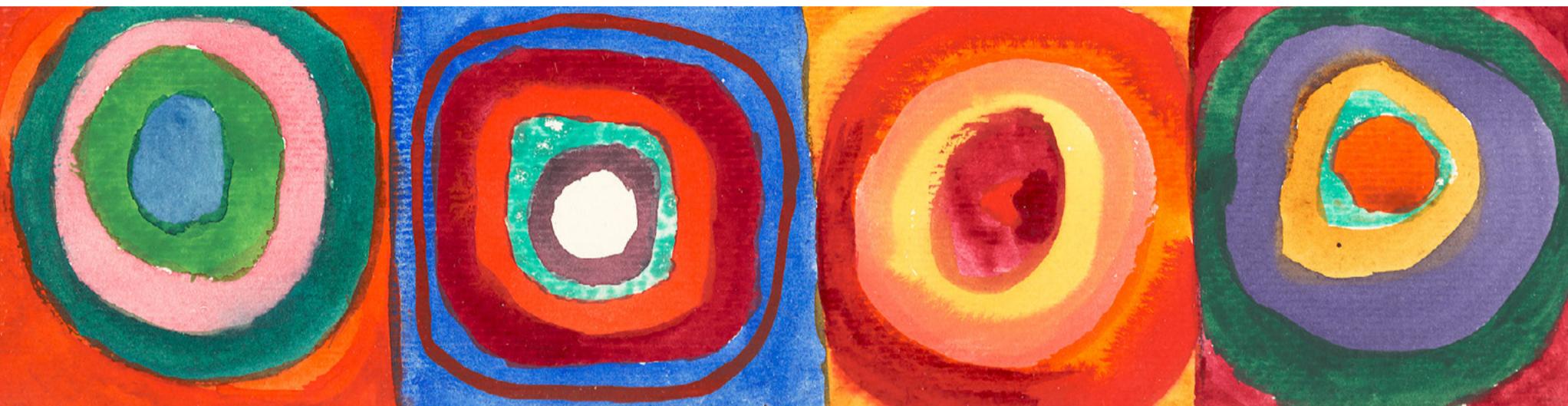


BULLYING E PRECONCEITO NÃO SÃO BRINCADEIRA



Reflexões sobre a violência escolar

Maria Terezinha Bellanda Galuch • Eduardo Augusto Pavani
Gabriela Natacha Alvares Numazawa • Eduardo Oliveira Sanches
Rubiana Brasílio Santa Bárbara • Analice Czyzewski • Cleonice Aparecida
Raphael da Silva • Beatriz Borba Massaneiro • Adriane Eliege Siega • Simone
Moreira de Moura • Rosana Pereira Lopes • Andrea Lunardelli Valente
Mariana Barroso Maroca • Gabryella Torres de Oliveira

Benjamin
EDITORIAL

Bullying e preconceito não são brincadeira

Reflexões sobre a violência escolar

Maria Terezinha Bellanda Galuch • Eduardo Augusto Pavani • Gabriela Natacha
Alvares Numazawa • Eduardo Oliveira Sanches • Rubiana Brasilio Santa Bárbara
Analice Czyzewski • Cleonice Aparecida Raphael da Silva • Beatriz Borba Massaneiro
Adriane Eliege Siega • Simone Moreira de Moura • Rosana Pereira Lopes • Andrea
Lunardelli Valente • Mariana Barroso Maroca • Gabryella Torres de Oliveira

Benjamin
EDITORIAL

Apoio



Copyright © 2020 dos autores

É vedada, nos termos da lei, a reprodução de qualquer parte deste livro sem a autorização prévia e por escrito da editora.

A edição deste material contou com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processo nº 442702/2016-7.

Distribuição gratuita

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lumos Assessoria Editorial – Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

B938 Bullying e preconceito não são brincadeira : reflexões sobre a violência escolar [recurso eletrônico] / Maria Terezinha Bellanda Galuch ... [et al.]. — São Paulo : Benjamin Editorial, 2020.
Dados eletrônicos (pdf).

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-87804-03-3

1. Violência na escola. 2. Crianças e violência. 3. Assédio nas escolas. 4. Bullying nas escolas. 5. Agressão psicológica nas escolas. I. Galuch, Maria Terezinha Bellanda. II. Título.

CDD 371.782

BENJAMIN EDITORIAL

Rua Américo Brasiliense, 2520

04715-004 – São Paulo – SP

Telefone/Fax: (11) 2476-0708

contato@benjamineeditorial.com.br

www.benjamineeditorial.com.br

SUMÁRIO

4	1. Introdução
5	2. O que é bullying?
5	2.1 Como o bullying se manifesta na escola?
6	2.2 Quem são os envolvidos no bullying?
7	2.3 Como identificar o bullying?
9	3. O que é preconceito?
9	3.1 Quais são as manifestações mais recorrentes de comportamentos preconceituosos?
11	4. Qual é a relação entre violência escolar e violência social?
14	5. Há relação entre hierarquia oficial e hierarquia não oficial e bullying?
15	6. O que sentem os sujeitos que praticam e sofrem o bullying?
17	7. Como o bullying e o preconceito afetam a vida das pessoas?
18	8. Como podemos combater a violência escolar?
20	9. Por que é importante o conhecimento sobre a violência escolar?
20	10. Qual a importância da autoridade no combate à violência escolar?
21	11. Referências

1. INTRODUÇÃO

Apesar de muitos avanços no sentido de compreender a violência escolar – um fenômeno que mantém estreita ligação com a violência social – e de organizar ações para combatê-la (Crochík, 2015; Crochick, 2019; Magnabosco, Souza, 2018), seu enfrentamento demanda estudos e políticas públicas que extrapolem o âmbito escolar.

Essa questão motivou instituições de Ensino Superior do Brasil, da Argentina, de Portugal, da Espanha e do México, sob a coordenação do professor José Leon Crochick, a desenvolverem a pesquisa *Violência escolar: discriminação, bullying e responsabilidade*, com o objetivo de: a) verificar a existência de relação entre a discriminação dos alunos considerados em situação de inclusão e a prática de *bullying*; b) verificar se os alunos considerados em situação de inclusão sofrem *bullying* em maior proporção do que os alunos regulares; c) verificar se os alunos considerados em situação de inclusão sofrem diferentes tipos de *bullying* em comparação com as outras vítimas.

Esta cartilha, elaborada pelo Grupo de Pesquisa Educação Escolar, Formação e Teoria Crítica da Universidade Estadual de Maringá e pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Inclusiva, Violência e Preconceito da Universidade Estadual de Londrina, tem o intuito de contribuir para que a escola possa ser um ambiente menos violento e, portanto, mais propício à formação para a autonomia e para a emancipação. Fundamenta-se em estudos de autores da Teoria Crítica da Sociedade e na análise de dados da pesquisa *Violência escolar: discriminação, bullying e responsabilidade* coletados com 240 estudantes do nono ano do Ensino Fundamental de oito escolas do Núcleo Regional de Educação de Maringá (NRE). Também subsidiaram a organização desta cartilha dados obtidos por meio de entrevistas realizadas em 2018 com 23 docentes que, na ocasião das entrevistas, atuavam nessas oito escolas, ministrando as disciplinas de Artes, Língua Portuguesa e Educação Física.

Como o *bullying* e o preconceito são duas formas de violência no ambiente escolar, neste material, inicialmente, apresentamos elementos para a compreensão

e para a distinção desses dois tipos de violência para, em seguida, destacarmos a relação entre a violência escolar e a violência social, bem como as implicações do *bullying* e do preconceito na vida das pessoas, visando contribuir para a definição de políticas públicas para o combate à violência escolar.

2. O QUE É BULLYING?

Caracterizam-se como *bullying* as condutas sociais que envolvem violência contra outros, baseadas na distinção de força entre pessoas, circunscrita pelo desejo de destruição, sem que haja uma justificativa para que a vítima seja uma ou outra pessoa. Trata-se de um tipo de violência marcado pela repetição e pela intencionalidade de quem o pratica (Fante, 2005).

Ainda que esse tipo de violência seja mais comum entre pares e na escola, o *bullying* não acontece apenas nessa instituição social, tampouco somente entre crianças e entre adolescentes. Adultos também praticam e são vítimas de *bullying* em várias situações e em diferentes espaços de socialização, como clubes esportivos, ambientes de trabalho, universidades, hospitais, penitenciárias etc.

2.1 Como o bullying se manifesta na escola?

Na escola, esse tipo de violência costuma se expressar sob diferentes formas. Destacam-se como as mais frequentes: os xingamentos; as piadas que humilham; a violência física; a posse de itens pessoais sem a permissão daqueles a quem pertencem; a exclusão de colegas dos círculos de convivência na sala de aula, no pátio, na quadra, nas redes sociais, ambientes em que a turma costuma compartilhar o cotidiano ou mesmo fora da escola e fora do período de aula.

Além dessas ações e de outras que acontecem em ambientes físicos, há o *cyberbullying*, uma violência praticada virtualmente, geralmente em redes sociais, por meio de comentários públicos que ridicularizam, de ofensas, de

exposição de informações pessoais, de mensagens de ameaça, de assédio moral, de assédio sexual, entre outras formas.

2.2 Quem são os envolvidos no bullying?

Um ato de *bullying* é comumente composto por três figuras principais: agressor(es), vítima(s) e observador(es).

O *agressor* é aquele que comete *bullying*, sozinho ou em grupo, constrangendo física ou psicologicamente um colega. Observa-se, no agressor, um certo desejo de destruir a vítima, de submetê-la, não importando quem ela seja. Tão logo o agressor atinge o seu alvo, a vítima será substituída por outra de qualidade parecida, que representa a fragilidade social. Em outras palavras, a vítima do *bullying* é para o agressor ou para o grupo de agressores a representação de uma “presa fácil”. Talvez possa parecer que só cometem *bullying* aqueles considerados “valentões” por outras pessoas ou por eles mesmos. Esse nem sempre é o caso: qualquer um pode ser autor de *bullying*; qualquer um pode ser “o *bully*”, isto é, “o valentão”.

A *vítima* é aquela que, pela vontade de dominação por parte do agressor e por ser vista por ele como um alvo mais fácil por ser mais frágil – sem a necessidade de haver qualquer ligação entre ambos, quer seja como amigo, quer seja como inimigo –, é recorrentemente constrangida e submetida pelo agressor, que pode agir sozinho ou em grupos (Fante, 2005).

Há uma certa tendência de que os sujeitos que, em determinadas situações de *bullying*, são os *agressores*, em outras situações desse mesmo tipo de violência sejam eles próprios as *vítimas*. Essa tendência foi observada na pesquisa realizada com 240 estudantes do nono ano do Ensino Fundamental de oito escolas do Núcleo Regional de Educação (NRE) de Maringá. Nessas escolas, 34 alunos foram caracterizados como agressores; destes, 17 (50%) foram também caracterizados como vítimas de *bullying*.

Na medida em que agredem cegamente e cegamente se defendem,

perseguidores e vítimas pertencem ao mesmo circuito funesto. (Horkheimer; Adorno, 1985, p. 159-160)

Há um terceiro personagem na cena do *bullying*: o *observador*. Apesar de não participar diretamente, aquele que observa o ato de violência também faz parte dessa situação. O fato de ser alguém que participou na condição de espectador pode causar a impressão de que o ato de violência – física ou virtual – não lhe diz respeito, portanto não lhe caberiam quaisquer responsabilidades e quaisquer manifestações para inibi-lo. Esse, porém, não é o caso, já que o espectador, ao assistir à violência, apresenta-se como alguém que, de certa forma, aceita a agressão.

É relevante destacar que, nesse caso, paradoxalmente, existe a potencialidade de o observador exercer um grande papel no combate à violência: ao se identificar com a dor do outro, ele pode, em particular, impor-se contra a violência escolar e, no geral, resistir à sociedade atual, que tem em sua base a frieza, o poder e violência.

[...] a civilização representa, sobretudo, a oposição à indiferença [...], já que a indiferença é a forma contemporânea da barbárie. (Cohn, 2004, p. 84)

2.3 Como identificar o *bullying*?

Para identificarmos o *bullying*, é fundamental estarmos atentos à sua dinâmica: sempre uma pessoa ou um grupo de colegas xingam, ridicularizam, batem ou riem de uma mesma vítima que não consegue se opor à violência (Fante, 2005). Talvez ela retruque um xingamento ou uma violência física de qualquer natureza, mas suas atitudes, geralmente, não fazem cessar o que praticam com ela. Esta é uma característica para se identificar o *bullying*: sua extensão no tempo, ou seja, não se trata de um evento pontual. Quem comete *bullying* tende a agir de maneira hostil contra qualquer alvo em potencial, sem discriminar situações. Qualquer hora é hora para oprimir!

Isso pode ser observado entre os participantes da pesquisa. Nesse grupo, 9% indicaram sofrer algum tipo de violência todos os dias; 4%, de “uma a quatro vezes por semana”; 5,4%, de “uma a três vezes por mês”; 14%, de “uma a duas vezes por semestre”; já 67,6% disseram que não sofreram qualquer tipo de agressão. As violências indicadas como as mais sofridas todos os dias foram as seguintes: xingamentos (29,5%); apelidos ofensivos (12,4%); material pego (7%); boatos espalhados a seu respeito (7%); exclusão do grupo de colegas (6,6%); carícias indesejadas (5,4%); agressão física (4,6%); ameaças de agressão física (4,1%); material ou roupa estragados (4,1%).

Embora, quantitativamente, a frequência dos que indicaram não ter sofrido quaisquer tipos de violência (67,6%) seja superior às demais frequências, isso não significa que o problema da violência escolar foi superado. Uma única pessoa sob ameaça é expressão de desumanidade.

Ao mesmo tempo, é oportuno reiterar que, nas escolas, o fato de haver situações de *bullying* é motivo de grande preocupação. Essa preocupação se agrava quando se observa que determinadas ações que se caracterizam como *bullying* são, por vezes, consideradas como brincadeiras. Ao mesmo tempo, pode-se dizer que o fato de a escola reconhecer a presença da violência no seu interior significa um importante avanço, já que o reconhecimento da violência é fundamental para se pensar na definição de políticas públicas que possam conduzir ações para combatê-la.

Sobre esse aspecto, é importante mencionar que os 23 professores que participaram da pesquisa indicaram já ter testemunhado casos de *bullying* nas instituições de ensino em que trabalhavam. Todavia, embora haja esse reconhecimento, ainda persiste o entendimento por parte de alguns de que o *bullying* é apenas um momento de “zoeira” ou são brincadeiras, conforme destacaram três professores. Quando o *bullying* é assim interpretado, banaliza-se o seu caráter violento, já que passa a ser considerado como um costume comum entre os alunos.

Há, ainda, um imaginário social, do qual também os professores não estão livres, segundo o qual são as vítimas que devem alterar comportamentos que podem motivar ações violentas. Nesse sentido, a agressão é justificada pelo

fato de as vítimas serem quietas, tímidas, caladas, não se defenderem, não acreditarem nas suas capacidades, serem emocionalmente frágeis, agirem como alunos certinhos, ou seja, a elas atribui-se a culpa pela agressão que sofrem, tal como fora atribuído aos judeus a culpa por terem sido perseguidos (Horkheimer; Adorno, 1985). Soma-se a essas ideias a culpa dirigida à família por não “empoderar” os seus filhos para que eles saibam se proteger, quer seja suportando a dor, quer seja revidando com agressões.

A seguir, abordaremos uma outra forma de violência escolar: o preconceito.

3. O QUE É PRECONCEITO?

O preconceito é uma manifestação de violência mais relacionada com a pessoa que a exerce do que com as pessoas contra as quais o preconceito é dirigido (Crochík, 1996, 2011). Naquele que pratica o preconceito há uma negação em aceitar que o outro – a vítima – lembra o que ele – o preconceituoso – não pode aceitar em si mesmo.

Como explica Crochík (2011, p. 13), “o preconceito se caracteriza por um conteúdo específico dirigido ao seu objeto e por um determinado tipo de reação frente a ele, em geral, de estranhamento ou de hostilidade. Ao conteúdo podemos chamar de estereótipo”, formado “por uma série de predicados fixos que são atribuídos ao objeto, mas há um principal, do qual os outros são derivados” (Crochík, 2011, p. 13). A título de exemplo, podemos citar os seguintes estereótipos: o deficiente como ineficiente; o índio como selvagem; o negro como preguiçoso; o judeu como apegado às coisas materiais. Essas características são consideradas inerentes aos alvos, sem conceber suas determinações históricas e sociais.

3.1 Quais são as manifestações mais recorrentes de comportamentos preconceituosos?

As manifestações mais recorrentes de comportamentos preconceituosos são a marginalização e a segregação.

Na *marginalização*, o estudante alvo da discriminação é incorporado ao grupo, mas não é considerado plenamente seu membro. É como se alguém fosse convidado para uma partida de futebol, porém os demais jogadores da sua equipe não lhe passassem a bola.

Na *segregação*, o estudante alvo da discriminação não participa do grupo, sendo ignorado pelos colegas. Em um jogo de basquete, por exemplo, este estudante, alvo da segregação, não seria escalado para compor com o grupo.

Em geral, tanto no preconceito quanto no *bullying*, o indivíduo que os pratica não consegue se identificar com o outro. Entretanto, há algumas características específicas que definem os comportamentos e as formas de violência de cada um, e embora ambos estejam presentes nos espaços escolares, são fenômenos distintos. Conforme explica Crochík (2015, p. 54),

O *bullying* parece ser uma forma de violência mais indiferenciada do que a presente no preconceito mais arraigado, que tem alvos definidos e justificativa para sua existência, e corresponder a uma maior fragilidade do indivíduo que o pratica; nesse sentido, o preconceito menos delineado pode ser a atitude que pode levar à ação do *bullying*; esse também parece expressar melhor uma cultura homogênea, que, pela (falsa) formação, constitui indivíduos frios, insensíveis e com dificuldades de formular seus desejos e os reconhecer, o que pode direcioná-los a uma forma de violência difusa, ao contrário do preconceito que se fixa em necessidades mais bem delimitadas.

Como dito anteriormente em relação ao preconceito, esse tipo de violência possui alvos mais definidos; já o *bullying*, por seu caráter regressivo, expressa de modo mais direto a violência estrutural presente na sociedade. Nesse sentido, Crochick (2019, p. 3) argumenta que

[...] no preconceito há um alvo delimitado, no qual expectativas, medos e desejos que o indivíduo não pode admitir em si são projetados; em

contrapartida, o autor do *bullying* precisa de um alvo, qualquer que seja, que possa submeter à sua vontade de dominação e destruição da vontade alheia.

4. QUAL É A RELAÇÃO ENTRE VIOLÊNCIA ESCOLAR E VIOLÊNCIA SOCIAL?

O *bullying* e o preconceito, como outras formas de violência, são tipos de conduta social. Isso quer dizer que acontecem entre os participantes da sociedade e tem a ver com várias características do sujeito em relação a ela e à comunidade, refletindo de uma forma particular o fenômeno geral da violência social.

Nesse sentido, reconhecer a violência escolar como expressão da violência que ocorre no âmbito social é crucial para que sejam definidas ações para a luta contra o *bullying* e o preconceito sem reproduzir e sem provocar mais violência. Para opor-se a ela, é elementar a compreensão sobre o perigo que ela representa, em vez de simplesmente lançar mão da ideia do respeito e da tolerância ou de adaptar-se aos mecanismos de violência como condição para o aluno se proteger. “Se a escola prepara, forma, os indivíduos para a sociedade, a sua distinção da sociedade é importante para que possa inclusive fazer a crítica daquela” (Crochík; Dias; Razera, 2015, p. 4).

A violência social refere-se à violência que está na base da sociedade em que vivemos, cujo crescimento da riqueza social não significa em igual medida a diminuição da miséria humana. Essa violência é percebida e sentida por todos no cotidiano de nossas vidas. Ela está subentendida quando falamos da falta de saneamento básico ou do descaso com o Sistema Único de Saúde (SUS) por parte dos gestores públicos, mas é evidente quando nos reportamos aos casos de estupro, de violência doméstica, de abuso infantil, de feminicídio, entre outros. Portanto, está na dominação de um grupo sobre outros a violência social na sua forma mais ampla que se traduz em tantas outras formas particulares de violência. Nesse contexto, a escola como instituição que compõe e participa da sociedade em sentido amplo é atravessada por uma ética, por

valores, por leis, por princípios que, antes de serem escolares, são constituídos socialmente ao longo da história.

A violência social está relacionada à forma como a sociedade se organiza, ou seja, está relacionada à hierarquia social. Desse modo, as condições para a perseguição e para a violência estão imanentes na ordem objetiva. Horkheimer (1994, *apud* Corrêa, 2017, p. 89), já em um texto escrito entre 1926 e 1931, referia-se ao “sistema capitalista na sua fase atual” como sendo “a exploração organizada em escala universal”, isto é, um tipo de organização social cuja “manutenção é condição de sofrimentos infinitos” (Horkheimer, 1994, *apud* Corrêa, 2017, p. 89), apesar de a riqueza social ser suficiente para garantir uma vida digna e justa para todos, não fosse a dominação de um grupo sobre outro a relação que caracteriza a sociedade. “Na realidade, esta sociedade possui meios humanos e técnicos para suprimir a miséria em sua forma material mais grosseira”, esclarece Horkheimer (1994, *apud* Corrêa, 2017, p. 89). Todavia, a miséria continua sendo a condição da maioria das pessoas ao redor do mundo, com a sociedade organizada hierarquicamente em relação ao poder econômico. Percebemos, então, que a liberdade e a solidariedade entre as minorias – não numéricas, mas os grupos à margem do poder – em uma sociedade cuja liberdade é a de poder dominar não têm condições de se efetivar.

Esta questão pode ser melhor compreendida com Horkheimer e Adorno (1985), quando explicam a contradição do capitalismo tardio que promete uma vida boa àqueles que se adaptam às suas demandas. Para os autores, neste estágio da sociedade, a cultura possui padrões que se repetem e cuja estética volta-se ao consumismo. Essa promessa de bem-estar pautada na variedade de produtos à venda, bem como nas inovações tecnológicas, promove a sensação de liberdade. Todavia, essa liberdade é “superimposta” e fomenta a repressão do indivíduo, materializando-se em necessidades cuja satisfação envolve relações nas quais estão presentes a miséria, a injustiça, a agressividade e a labuta (Marcuse, 1973, p. 26).

A preocupação com a beleza e com a eficiência do corpo está entre as

promessas da sociedade do consumo. Os sujeitos devem eliminar tudo o que não está conforme os padrões estabelecidos socialmente. O corpo se torna objeto de manipulação, torna-se vendável; ao invés de expressar o conteúdo, ele se transforma em mercadoria. Entretanto, “A miséria permanece, tal como antes. Não podes suprimi-la de todo, mas podes torná-la invisível” (Adorno, 1993, p. 50).

Aos excluídos do consumo e do deleite dos encantos capitalistas, é oferecida a “beneficência administrada que, como um adesivo, tapa planejadamente as feridas expostas da sociedade” (Adorno, 1993, p. 35). Nesse sentido, a exploração capitalista se revela perspicaz, pois deixa ver as necessidades provocadas pela doença, pela falta de alimentos e de moradia, sem revelar as suas causas; ou seja, a injustiça social permanece intocável.

Em comparação às outras formas de violência mencionadas, a exploração capitalista não tem um rosto, não tem um nome, está disfarçada sob o véu do progresso econômico, tecnológico e das promessas da indústria cultural.

Nesse sentido, do ponto de vista social, o *bullying* e o preconceito representam um modo como a violência se faz presente cotidianamente em diferentes níveis e espaços. Podemos destacar como exemplos dessa violência os conflitos entre grupos sociais e morais e códigos de conduta que pregam que as pessoas devem se virar sozinhas contra o mundo, que devem fazer justiça com as próprias mãos, que devem ser fortes e autônomas a qualquer custo. O que isso significa? Significa que, muitas vezes, não temos clareza do tipo de relações que estabelecemos na sociedade fundamentada em relações de poder e de dominação. Portanto, o *bullying*, por exemplo, surge em contextos de convivência como uma forma de destinação de desafetos, de estado de insegurança e de pouca clareza.

Do ponto de vista individual, as características de quem comete o *bullying* e de quem manifesta preconceito passam por questões que incluem, entre outras, a maneira como esse sujeito enxerga e incorpora as regras necessárias à convivência em sociedade e como ele concebe as diferenças entre as pessoas – inclusive as dele – que estão relacionadas à cultura que cada um incorpora, bem como à qualidade de suas relações familiares e com outras instituições.

Além desses, outro importante fator é o modo como a sociedade capitalista enxerga o papel da educação na vida das pessoas. Para o capital, a escola deve formar mão de obra útil, deixando em segundo plano a qualidade crítica e sensível da aprendizagem. Esse sentimento de objetificação, causado pelo modo impessoal como todos somos rotulados pela sociedade industrial – ou seja, somos uma mercadoria para o mercado de trabalho – diminui o senso de pertencimento à comunidade escolar e o senso de cooperação no ambiente educacional. A educação, nesse sentido, “precisa levar a sério o que já de há muito é do conhecimento da filosofia: que o medo não deve ser reprimido” (Adorno, 1995, p. 129).

5. HÁ RELAÇÃO ENTRE HIERARQUIA OFICIAL E HIERARQUIA NÃO OFICIAL E BULLYING?

A hierarquia oficial abarca o desempenho dos estudantes nas matérias escolares, ou seja, estabelece uma hierarquia entre os estudantes desde o mais “inteligente” ao menos “inteligente”.

Os dados das pesquisas revelam não haver correlação expressiva entre *manifestação de bullying* e alunos que se identificam e são identificados como *integrantes da hierarquia oficial*. Também podemos concluir que não há correlação expressiva entre o *sofrimento de bullying* e os alunos que se destacam nesta hierarquia.

Ao compararmos os dados sobre os alunos indicados como os melhores nas disciplinas com a escala de agressão, observamos que não há correlação entre variáveis atribuíveis. Isso se aplica tanto a agressões praticadas como a agressões sofridas. Ou seja, no teste de correlação de variáveis para todos os alunos da pesquisa, os resultados não apontam qualquer dependência entre melhores alunos em disciplinas e agressão sofrida e agressão praticada. Porém, de maneira inversa, o teste de hipóteses aponta que há correlação diretamente proporcional entre a escala de indicação de piores alunos em disciplinas e as escalas de agressão praticada e sofrida.

A pesquisa indica que os alunos mais engajados no processo de escolarização, ainda que não sejam aqueles que sempre obtêm boas notas, são menos

identificados/indicados como participantes do *bullying*, quer seja como agressores, quer seja como vítimas.

Esses dados fortalecem a ideia de que embora a educação que se limita à finalidade de desenvolver competências e habilidades para o trabalho tenha elementos de alienação, o processo de escolarização se apresenta como meio para o desenvolvimento e a humanização do sujeito.

Já a hierarquia não oficial abarca o desempenho físico e o desempenho social do indivíduo, quer dizer, estabelece uma hierarquia entre os estudantes desde o que é mais forte e mais popular ao que é mais fraco e sem popularidade.

De forma proporcional, os dados da pesquisa indicam que há correlação significativa entre a *prática de bullying* e aqueles alunos que se consideram e que são identificados pelos colegas como alunos que se destacam na *hierarquia não oficial*, segundo sua popularidade ou desempenho físico.

6. O QUE SENTEM OS SUJEITOS QUE PRATICAM E SOFREM O BULLYING?

Para aferir os tipos de sentimentos que o *bullying* suscita, o instrumento das pesquisas trazia como opções um amplo rol de sentimentos que, em linhas gerais, vão desde sentimentos como felicidade, coragem e realização até sentimentos como vergonha, medo e ódio, além da opção de declarar que não sentiu nada. Os alunos poderiam assinalar mais de uma opção, de modo a construir um sentido mais amplo sobre a prática ou o sofrimento do *bullying*, inclusive as ambivalências ou as contradições. Posto isso, perguntou-se aos alunos se já haviam praticado ou sofrido uma série de maus-tratos e como eles se sentiam em relação a essas agressões cometidas ou sofridas.

Observou-se que os agressores do *bullying* sentem com maior frequência os seguintes sentimentos, em ordem decrescente: “odiado”, “como não sendo um perdedor” e “covarde”. Parece haver algum sentido de realização entre os agressores em seu ato, o que se pode inferir pelo sentimento de “não ser um perdedor”, mas não suficientemente a ponto de sobrepor ou anular sentimentos como “odiado” e “covarde”.

De modo geral, a agressão promove muito pouco sentimentos como “corajoso”, “melhor do que outros” e “vencedor”, sendo esses os sentimentos menos relatados pelos agressores. Quem pratica entende que é violência que se faz, mas nem sempre compreende bem o porquê de se fazer isso.

Dos sentimentos indicados entre as vítimas de *bullying*, pôde-se verificar, por exemplo, que os três sentimentos mais recorrentes na pesquisa foram “ódio”, “desejo de vingança” e “tristeza”. Já os três sentimentos menos apontados são “medo”, “perdedor” e “impotência”. Isso nos leva a refletir sobre os dados já mencionados que indicam que a vítima também pode ser agressor e vice-versa, independentemente de quem seja a pessoa a ser agredida, mas o que ela representa na competição pela hierarquia, pelo poder e pela dominação.

Ao serem perguntados sobre os motivos que levariam à prática do *bullying*, os estudantes creem que entre os fatores que levam ao *bullying*, os três mais destacados são “não têm o que fazer”, “falta de respeito” e “não têm limites”.

Interessante que o motivo mais indicado guarda relação direta com a ideia de que o ócio não é permitido, mantendo viva a ideologia necessária para a conservação da sociedade. Uma vez que aderimos individualmente à ideologia, podemos pensar que ao compreendermos os próprios valores que medeiam a nossa formação, seremos capazes de imaginar que podemos nos opor à ideia de que devemos estar o tempo todo ocupados, mesmo que seja com a prática da violência.

Isso indica que jamais se deve pensar em justificativas para o *bullying*, pois trata-se de uma manifestação de violência que satisfaz uma necessidade, ainda que inconsciente, de machucar o outro por qualquer razão. Por isso, o fenômeno do *bullying* não pode ser simplificado e tratado como “apenas uma brincadeira da garotada”. Ele precisa ser compreendido para que possam ser buscadas formas de combatê-lo. Afinal, se o objetivo é a formação, compreender as manifestações da frieza social da qual emergem os processos de objetificação da vida e, por consequência, as práticas violentas, implica que a escola apresente o *bullying* como parte delas. Em tal contexto, a escola tem papel fundamental em evidenciar as possibilidades de uma autocrítica sobre

suas formas de manifestação e de prevenção. Entender o que permite que o *bullying* aconteça é também condição para evitá-lo.

7. COMO O BULLYING E O PRECONCEITO AFETAM A VIDA DAS PESSOAS?

Sendo um tipo de conduta social, o *bullying* e o preconceito afetam amplamente a vida das pessoas diretamente envolvidas, o que significa dizer que tanto os agressores como as vítimas são acometidos. Podemos pensar os efeitos do *bullying* desde antes da sua ocorrência, na forma das tensões que levam o agressor a optar por violência no trato com os outros, assim como suas implicações posteriores à agressão.

Em relação aos *agressores*, trabalhos como os de Crochík (2012, 2015) indicam que a manifestação desse tipo de violência representa uma descarga de afetos negativos sobre os quais eles não refletem. O agressor se vê diante de sentimentos para os quais não consegue dar nomes, não toma consciência sobre eles, tampouco consegue agir de uma forma não violenta em relação às pessoas envolvidas nesses sentimentos. Portanto, o *bullying* e o preconceito representam uma distorção do sujeito na tarefa de identificar seus sentimentos e de lidar adequadamente com eles sem agredir alguém.

Sobre as *vítimas*, os problemas são atualmente mais conhecidos e discutidos. A vítima do *bullying* e do preconceito pode apresentar uma série de comprometimentos, a depender da situação. Em geral, há o desejo de não ir à escola, que inclui perda de interesse e de envolvimento com a aprendizagem, bem como prejuízo em relação à sociabilidade. Também apresenta irritabilidade, choro, humor deprimido, mal-estares antes e durante o período escolar, intensificação da dependência dos pais, reclusão social, pesadelos, terrores noturnos, e em situações mais graves, depressão, crises de ansiedade, transtornos alimentares, como bulimia e anorexia, automutilação e mesmo suicídio (Almeida; Silva; Campos, 2008).

A responsabilidade da violência nunca deveria ser imputada à vítima; sempre àquele que golpeia para todos os lados, sem consciência do

que move essa violência compulsiva. Isso não significa que o agressor não seja afetado também por condições sociais adversas e assim seja considerado o único responsável por seu ato; a possibilidade da autor-reflexão sobre o que o induziu à violência deve ser suscitada. (Crochík; Dias; Razera, 2015, p. 2)

8. COMO PODEMOS COMBATER A VIOLÊNCIA ESCOLAR?

O *bullying* e o preconceito, como já vimos, são formas pelas quais a violência se expressa; são fenômenos que, no ambiente escolar – um ambiente de formação –, devem ser refletidos, enfrentados e combatidos. Para Adorno, a educação escolar é uma “instituição necessária ao combate à violência, como formadora de indivíduos autônomos, democráticos e emancipados, sem desconsiderar os limites desta sociedade” (Crochík, 2009, p. 16).

Não conseguimos alterar uma determinada situação sem que antes ela seja compreendida. Sabemos também que os fenômenos particulares, para serem conhecidos, precisam ter a sua história analisada na relação que mantêm com a sociedade. Isso significa conhecer o seu passado, como se apresenta na atualidade e suas possibilidades de superação. Reconhecer que um fenômeno tem uma história é reconhecer que ele se transforma; isso não quer dizer que se tornou melhor do que fora anteriormente.

Em se tratando do *bullying* e de preconceito, é preciso saber distingui-los de outras formas de violência, identificar quem são os envolvidos, os motivos pelos quais são praticados, bem como as implicações tanto para as vítimas como para os agressores. Assim, poderão ser tomadas decisões que não sejam fundamentadas no senso comum, em crenças e em tabus, mas que tenham por base o conhecimento, a reflexão. De pronto, isso nos conduz ao entendimento de que o *bullying*, por exemplo, não é brincadeira, e de que o preconceito é um tipo de violência cuja vítima atrai para si o ódio que não tem como destinatário um sujeito especificamente, mas envolve o ódio coletivo. Ambos os tipos de violência dizem respeito a uma ação que maltrata, que humilha, que

provoca tristeza e sofrimentos físicos e psíquicos que marcam negativamente a vida dos envolvidos.

Portanto, a primeira ação para combater o *bullying* e o preconceito é o esclarecimento sobre tais manifestações de violência e os aspectos psicológicos e sociais que os distinguem. Quando há elementos para identificar, para caracterizar, ou seja, para nomear episódios em que uma pessoa ou um grupo de pessoas bate em outro, dá apelidos, espalha boatos, pega ou estraga materiais, ameaça, quer seja presencialmente, quer seja por meio de redes sociais, haverá maior possibilidade de combatê-los de forma consciente, sem o uso da força, da ameaça, da obediência pela simples obediência, isto é, sem que o medo seja o parâmetro das ações supostamente educativas. Provocar o medo é igualmente exercer a violência e a dominação de uns sobre os outros (Horkheimer; Adorno, 1985).

Vale lembrar que o conhecimento sobre as formas de violência pode ser tratado nas disciplinas escolares, pois elas são fontes inesgotáveis de história, de cultura, de memória. Nelas não se debate a violência somente em âmbito imediato, mas em âmbito histórico, mostrando as relações de poder da sociedade.

Como estamos falando de conhecimento, na escola, esse fato merece atenção e o envolvimento de toda a comunidade escolar. Nesse sentido, é indispensável que os próprios alunos estejam atentos para a ocorrência do *bullying* e do preconceito e que, juntamente com professores e com a equipe pedagógica, sejam realizadas discussões e estudos sobre eles, sobre seus praticantes, sobre suas vítimas, sobre as implicações desses tipos de violência na formação das pessoas, sobre a sua relação com a violência que se faz presente no contexto que extrapola os muros escolares. Na escola, tal como na sociedade em geral, circulam valores e pensamentos que se traduzem em atitudes e em ações entre as pessoas e em relação às pessoas, sendo que os próprios professores não estão isentos de manifestarem crenças e atitudes preconceituosas e características de *bullying*.

O combate à violência escolar é mais exitosa em escolas que a compreendem na relação com a sociedade e buscam realizar ações que não se limitam a situações particulares de violência ocorrida na escola (Crochík *et al.*, 2014).

Sem desconsiderar a responsabilidade de quem a pratica, compreender a violência para além do próprio ato é um grande desafio, já que a tendência é buscar resolvê-la com ações individuais como conversas do professor e da gestão com os agressores e comunicação à família.

9. POR QUE É IMPORTANTE O CONHECIMENTO SOBRE A VIOLÊNCIA ESCOLAR?

Conhecer o *bullying* e o preconceito, saber distingui-los de outros tipos de violência e saber nomeá-los são condição para agir com vistas a contê-los. Uma vez guiando-se com autonomia, será possível contar com pessoas que participam da formação dos alunos na escola para encaminhar situações que sozinhos ou apenas entre si os alunos dificilmente seriam capazes de resolver.

O esclarecimento conduz à autonomia, para que se possa vencer o medo – um sentimento que conserva relações abusivas e violentas entre pessoas de diferentes idades e em diferentes âmbitos. Expressar os sentimentos com relação à violência nas suas diferentes formas é um passo importante para que a escola possa promover ações que levem vítimas, agressores e aqueles que observam cenas de *bullying* e de preconceito à tomada de consciência sobre suas manifestações no contexto escolar e no âmbito social, com vistas a combatê-los via conhecimento.

[...] a educação precisa levar a sério o que já de há muito é do conhecimento da filosofia: que o medo não deve ser reprimido. Quando o medo não é reprimido, quando nos permitimos ter realmente tanto medo quanto esta realidade exige, então justamente por essa via desaparecerá provavelmente grande parte dos efeitos deletérios do medo inconsciente e reprimido. (Adorno, 1995, p. 129)

10. QUAL A IMPORTÂNCIA DA AUTORIDADE NO COMBATE À VIOLÊNCIA ESCOLAR?

Na escola, professores e equipe pedagógica são pessoas com as quais os alunos precisam e devem contar em situações de qualquer tipo de violência, entre

elas as do *bullying* e do preconceito. Esses profissionais hão de ter a autoridade consciente, a autoridade do conhecimento, para se colocarem na condição de quem orienta, de quem conduz, de quem protege e de quem participa da formação dos alunos, sem que isso se confunda com autoritarismo. A autoridade do professor é adquirida pela própria condição de sua função social. Em outros termos, por meio da sua ação educativa que pode contribuir para a formação de pessoas mais conscientes das formas e dos meios de violência produzidos na sociedade em que vivemos. Assim, a superação da violência escolar – como o *bullying* e o preconceito – não se dará no âmbito particular. Tampouco se dará ensinando a criança a se proteger mediante a prática de mais violência, como uma forma de aceitar a hierarquia social e a violência que dela decorre e de fortalecer a frieza em relação a si próprio.

Com a consciência de que a constituição do sujeito é mediada, incluindo a formação do professor, e sem desprezar a influência de aspectos psíquicos, a escola pode formar para a resistência aos mecanismos presentes na reprodução da sociedade – entre os quais a necessidade de tipos mais regredidos de comportamentos – à medida que paradoxalmente a sociedade progride em tecnologias, em aspectos democráticos, em direitos humanos e em inclusão.

11. REFERÊNCIAS

- Adorno, T. W. *Minima moralia: reflexões a partir da vida danificada*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.
- Adorno, T. W. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- Almeida, K. L.; Silva, A. C. E.; Campos, J. S. Importância da identificação precoce da ocorrência do bullying: uma revisão de literatura. *Revista de Pediatria*, v. 9, n. 1, p. 8-16, jan./jun. 2008.
- Cohn, G. Indiferença, nova forma de barbárie. In: Novaes, A. (Org.). *Civilização e barbárie*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- Corrêa, A. S. *(In)disciplina e bullying nas práticas escolares de diretores, coordenadores, docentes e alunos: uma análise à luz da Teoria Crítica*. 2017. 343 f.

- Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano)
- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- Crochick, J. L. Preconceito e bullying: marcas da regressão psíquica socialmente induzida. *Psicologia USP*, v. 30, n. 29, p. 1-11, 2019.
- Crochík, J. L. Preconceito, indivíduo e sociedade. *Temas em Psicologia*, v. 4, n. 3, p. 47-70, 1996.
- Crochík, J. L. Educação para a resistência contra a barbárie. *Revista Educação: Biblioteca do Professor*, v. 2, n. 10, p. 16-25, 2009.
- Crochík, J. L. (Coord.). *Preconceito e educação inclusiva*. Brasília: SDH/PR, 2011.
- Crochík, J. L. Preconceito e inclusão. *WebMosaica*, v. 3, n. 1, p. 32-42, 2011.
- Crochík, J. L. Fatores psicológicos e sociais associados ao bullying. *Psicologia Política*, v. 24, n. 12, p. 211-229, 2012.
- Crochík, J. L. Formas de violência escolar: preconceito e bullying. *Movimento*, v. 2, n. 3, p. 29-56, 2015.
- Crochík, J. L.; Dias, M. Á. de L.; Razera, K. D. M. F. Teoria crítica da sociedade, investigação social empírica e educação inclusiva. *Imagens da Educação*, v. 5, n. 2, p. 1-9, 2015.
- Crochík, J. L.; Silva, P. F.; Freller, C. C.; Alves, L. S. de L.; Carrenho, A. C.; Dalenogare, G. V. Análise de concepções e propostas de gestores escolares sobre o bullying. *Acta Scientiarum. Education*, v. 36, n. 1, p. 115-127, 2014.
- Fante, C. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2. ed. Campinas: Verus, 2005.
- Horkheimer, M.; Adorno, T. W. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- Magnabosco, M. de B.; Souza, L. L. de. Educação inclusiva e as representações dos estudantes sobre seus pares com deficiência. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 22, n. 1, p. 115-122, 2018.
- Marcuse, H. *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

<i>Título</i>	Bullying e preconceito não são brincadeira: reflexões sobre a violência escolar
<i>Autores</i>	Maria Terezinha Bellanda Galuch, Eduardo Augusto Pavani, Gabriela Natacha Alvares Numazawa, Eduardo Oliveira Sanches, Rubiana Brasilio Santa Bárbara, Analice Czyzewski, Cleonice Aparecida Raphael da Silva, Beatriz Borba Massaneiro, Adriane Eliege Siega, Simone Moreira de Moura, Rosana Pereira Lopes, Andrea Lunardelli Valente, Mariana Barroso Maroca, Gabryella Torres de Oliveira
<i>Editor</i>	Artur Rafael A. Theodoro
<i>Revisão de texto</i>	Artur Rafael A. Theodoro
<i>Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica</i>	Benjamin Editorial
<i>Imagem da capa</i>	Wassily Kandinsky, Color study – squares with concentric rings (detail), 1913, watercolor, gouache and crayon on paper, 23,9 x 31,5 cm
<i>Formato</i>	Arquivo digital (pdf)
<i>Tipologia</i>	Minion Pro 19/26
<i>Número de páginas</i>	23